

## “Des” de Desejo

Atrás de seu corpo, durante o cortejo, deveriam ser atiradas moedas, para lembrar a todos que os bens aqui acumulados aqui permanecem. Este foi um dos três últimos desejos de Alexandre Magno (sejam eles lendas ou não). E nem assim as pessoas conseguiram entender este fato.

Parece um oblívio permanente em todos. Ninguém percebe que é preciso fazer algo para mudar as notícias que dominam os jornais, rádios ou canais de televisão. Desigualdade, desmatamento e desespero. Os “des” estão lá, nas reportagens, mas parece que o resultado da mega-sena chama mais a atenção.

Não digo que é ruim enriquecer, longe de mim. Entretanto não é a única coisa que importa. Lembro-me da revolucionária Morte, personagem de Neil Gaiman. Apesar de ser a “ceifadora de almas”, ela descia, uma vez a cada cem anos, à Terra. E adorava sentir a vida. Divertia-se muito. Como? Ajudando as pessoas. Sim, a morte ajudava os mortais (e tinha consigo apenas dez dólares). Essa ironia exemplifica o mundo atual. Nenhuma pessoa percebia que agir para o mundo, e não só para si, além de essencial, poderia dar este gosto de como é estar vivo (o que muitos esquecem). Porém, a Morte percebia.

Baseio-me em Victor Hugo para dizer: é preciso ter dinheiro, afinal é preciso ser prático. Mas, pelo menos uma vez por mês, coloque um pouco desse seu dinheiro na sua frente e diga “isto é meu”, só para ficar claro quem é dono de quem. É preciso gostar de viver e sorrir. Mas antes, é preciso aprender a viver. É preciso ter um mundo para o qual olhar. É preciso construir esse mundo, com “dês”-ejo, de melhoras. Ou tentar, pelo menos, com ações, palavras ou dissertações, como esta.

**Autor: Lucas Ramos De Pretto**  
(adaptado do original)